



BOLETIM
INFORMATIVO
DO CURSO DE
GEOGRAFIA
UESC - ILHÉUS -
BAHIA
ANO II - Nº 5
SET./OUT. 2002

Os ícones da Guerra Fria no Brasil

Os efeitos da Guerra Fria no Brasil se deram principalmente no governo de Juscelino Kubitschek, no período de 1956 a 1961. Esse presidente que tinha como slogan a frase “cinquenta anos em cinco”, trouxe para o Brasil todos os ideais de felicidades capitalistas. Incentivou a chegada da indústria (crescimento de 80%), das grandes empresas automobilísticas (Volkswagen, Ford, General Motors), construção de grandes monumentos e principalmente a implantação das vias de comunicação dentro do território, conhecido como o sonho sobre rodas.

Essas inovações, provocaram uma aceleração do processo de êxodo rural e crescimento das cidades em função do intenso processo da industrialização. Esse presidente tem como símbolo a construção de Brasília, que provocou a ocupação do Centro-Oeste do Brasil e transformação dela em um polo de atração nacional. Esse projeto conseguiu durante um certo momento amenizar os conflitos da Guerra Fria, pois uniu pessoas de direita (capitalista) e de esquer-

da (socialistas).

As grandes mudanças no cenário urbano brasileiro provocaram também seus reflexos na cultura e na arte. Houve uma exploração comercial do cinema, teatro e da música. Na música surgiu a Bossa Nova, influenciado no estilo norte-americano e no teatro apareceu Nelson Rodrigues causando escândalo ao tematizar os conflitos de uma classe média urbana, angustiada por incertezas existenciais e por problemas materiais. No cinema, a produtora Atlântida tematizou o Brasil com base nos modelos de Hollywood, além da produtora Vera Cruz que também foi um expoente, mas o maior deles foi o Cinema Novo com o filme *Rio 40 graus*.

No campo político-social, o Brasil estava preocupadíssimo com o comunismo. Primeiro no início da década de 60 houve a renúncia do então presidente Jânio Quadros, que teve como sucessor o trabalhista João Goulart. Com a intensificação da Revolução Cubana, a pseudoligação de Jango (nome dado a João Goulart) com os ideais trabalhis-

tas de Getúlio Vargas, o aumento das manifestações populares das donas de casa, dos trabalhadores, surge a ditadura militar como Cristo Redentor da afirmação de uma oligarquia burguesa e capitalista.

Essa ditadura, comandada primeiramente pelo general Castelo Branco, interveio nos sindicatos, fechando várias associações, dentre elas a UNE – União Nacional dos Estudantes, proibiu greves, cassou mandatos de políticos de oposição, criou o SNI - Serviço Nacional de Informação, que tinha a função de espionagem política. O ideal capitalista que apresentava uma propaganda representada por uma família alegre assistindo televisão, começou a transformar o ideal socialista representado por um povo sofrido enfrentando filas enormes e grandes perseguições militares. Mas, esses capitalistas foram quem fizeram essas perseguições, deixando uma boa parte da população brasileira oprimida e proibida de apresentar “o que é que o brasileiro tem”.

Junto com todas essas transformações vindas com a ditadura, teve ain-

da o Ato Inconstitucional número 05, que afirmava essa ditadura, firmada em um poderio militar, característico da Guerra Fria. Apesar dessas perseguições, muitos brasileiros deram seu grito de revolta contra esse sistema. Tem-se como exemplo a Tropicália de Gilberto Gil e Caetano Veloso, movimento inspirado no Fino da Bossa liderado por Elis Regina e Jair Rodrigues, que tinham como característica o ideal brasileiro, independente de qualquer estrangeirismo que impedisse a criatividade brasileira.

Nesse mesmo contexto surgiu a Rede Globo de Televisão, comandada por um burguês, Roberto Marinho, com o objetivo de afirmar essa ditadura cruel e feroz. Em momentos de revoltas, ela apresentava os shows do Rei Roberto Carlos, do tremendão Erasmo e além de tudo isso o povo gritava : para frente Brasil, sorrindo com os gols de Pelé, enquanto muitos perdiam seus familiares e amigos que até hoje permanecem desaparecidos.

Luciano de Melo Ramos
Estudante de Geografia /
UESC

ESPAÇO DO LEITOR

O LIXO É SEU MAS O PROBLEMA É NOSSO

É real e notório o problema do gerenciamento e disposição final do lixo no Sudeste da Bahia. Nos municípios próximos à UESC, verifica-se que não se dá a devida importância ao destino final e tratamento do lixo. Todo tipo de resíduo é jogado a céu aberto, próximo às estradas ou às margens dos rios, causando poluição visual, poluição das águas e dos solos. Outra implicação é a proliferação de vetores (insetos, ratos) que podem trazer doenças às comunidades presentes nestas áreas onde o lixo é exposto inadequadamente. Infelizmente, esta situação não é somente constatada em nossa região, há uma preocupação mundial em torno desta temática.

Mas estes problemas são reversíveis, à medida que se tem consciência que o tratamento adequado do dito "lixo de cada dia" evita danos ao meio ambiente e pode trazer retornos econômicos para as pessoas que trabalham diretamente com os recicláveis.

O Grupo de Estudos e Pesquisa em Resíduos sólidos - GEPRS desenvolve um projeto de *Caracterização e Coleta Seletiva do Lixo Produzido no Campus da UESC*, coordenado pelo Prof. Raildo Mota de Jesus, que objetiva gerenciar e destinar adequadamente os resíduos da universidade.

Os materiais recicláveis foram coletados pelos funcionários da limpeza em ação do Projeto Caracterização e Coleta Seletiva do Lixo Produzido no Campus da UESC. A coleta seletiva no Campus, inicialmente, trabalha só com o papel, papelão e plástico que estão sendo coletados, armazenados e doado para as obras assistências do Albergue Bezerra de Menezes, em Itabuna, entidade filantrópica que há 31 anos presta assistência a pessoas carentes de toda região. Atualmente a entidade assiste 76 internos (enfermos de câncer, tuberculose e AIDS) e possui uma unidade creche com 276 crianças com idade de 1 a 7 anos.

Ciente do conhecimento em relação a problemática do "lixo" gostaríamos de contar com o seu apoio e colaboração para que juntos possamos minimizar os efeitos deste problema.

Josefa Elaine C. Matos.

Estudante de Comunicação Social / UESC

GEPRS: geprs@uesc.br

Histórico do Curso de Geografia na UESC

O Curso de Licenciatura em Geografia foi um resultado da transformação do Curso de Estudos Sociais, com o objetivo de atender às exigências de renovação e atualização do conhecimento geográfico. Sua implantação ocorreu no segundo semestre do ano de 1997, onde se fez necessário uma adaptação curricular por exigência do CEE/Bahia, que proporcionou ao discente optar pela permanência no antigo curso, e assim concluí-lo até dezembro de 1998, quando foi extinto, ou optar pelo novo curso.

A proposta curricular do novo curso de Geografia assume contraposição à anterior, onde a insatisfação e a baixa autoestima refletiu-se nos resultados; os graduandos não conseguiam definir se eram Geógrafos ou Historiadores.

A procura pelo curso de Licenciatura em Estudos Sociais com habilitação em Geografia, era inexpressiva. Já hoje o quadro é bem diferente, havendo um aumento de 80 alunos em 1997 (Estudos Sociais / Geografia) para 250 em 2001 (Geografia), constituindo-se no Curso que mais cresceu na Universidade, segundo dados da Avaliação Institucional desse ano.

Tereza G. Torezani

Estudante de Geografia / UESC



Diretor de Redação: Saulo Rondinelli Xavier da Silva.

Editor-Chefe: Reinaldo Lemos.

Editores: Reinaldo Lemos; Saulo Rondinelli.

Editor Assistente: Aldmar Rezende.

Colaboradores: Rodrigo Cerqueira; Melrison Pinheiro.

Design Gráfico: Marcos Maurício.

Impressão: Gráfica da UESC.

Os artigos/textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores; não refletindo, necessariamente, a opinião do BIG.

Website: www.bigeo.vilabol.uol.com.br - E-mail: geoilheus@bol.com.br

COLEGIADO DE GEOGRAFIA – DCAA

Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC

Rod. Ilhéus-Itabuna, km 16 - CEP: 45.650-000

Ilhéus – Bahia - Brasil



A escola valorizando a aprendizagem a partir do conhecimento local / regional

Importante resgate e orientação para professores em diversas atividades pedagógicas passou a ser dada após a publicação do livro O ESTUDO DO MUNICÍPIO E O ENSINO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA, de Helena C. Callai e Paulo A. Zarth, lançado pela editora universitária UNIJUÍ, no Rio Grande do Sul, em 1997.

A escola deve estimular o cidadão a, primeiramente, conhecer o meio em que se está inserido. Excursões em localidades que o cerca, pesquisas em bibliotecas locais e até mesmo entrevistas com personalidades regionais, são algumas sugestões. "É uma escala de análise que permite que tenhamos próximos de nós todos aqueles elementos que expressam as condições sociais, econômicas, políticas de nosso mundo".

O cidadão deve estar empenhado em perceber as características, funcionais ou não, de sua cidade por exemplo. O aluno será motivado a conhecer os processos históricos precedentes e os demais fatores que determinam, simultaneamente, numa atual perspectiva da organização social dessa localidade.

Ao professor cabe um papel muito importante neste estudo, pois, no dia-a-dia da sala de aula, serão realizadas partes do conjunto do trabalho, serão estudados certos aspectos apenas, e isto não pode passar para o aluno como algo solto, estático. Para tanto é necessário ter sempre presente a lógica seqüencial do que está sendo tratado. É preciso ter sempre claro o "pano de fundo" do trabalho, isto é, os pressupostos teórico-metodológicos que orientam a atividade da sala de aula, ou da realização de uma pesquisa local.

O aluno, seja numa pesquisa ou numa simples observação, terá que levar em conta as relações existentes entre as diferentes classes sociais, ou entre administração pública e comunidade. O mesmo aluno, poderá comparar estas características com localidades adjacentes.

Um local pouco lembrado, mas que deve ser valorizado por demais, é o museu. Porque os valores que são atribuídos pelos museus às personalidades, partem "de dentro para fora", o que não é diferente em bibliotecas que "por obrigação" mantêm em suas prateleiras livros de autores locais, facilmente acessíveis.

Esse tipo de trabalho passou a ser utilizado, inicialmente, em escolas do interior dos estados de São Paulo e do Rio Grande do Sul, e já se encontra disseminado por todo o país; com sucesso, vale mencionar.

CALLAI, Helena Copetti & ZARTH, Paulo A. -- O Estudo do Município e o Ensino de História e Geografia -- UNIJUÍ - Ijuí/RS, 1997

*Saulo Rondinelli.
Estudante de Geografia / UESC*

Fome e comida se combinam Mas o que isso tem a ver com a Geografia?

Se formos analisar pelo ponto de vista nutricional, nada! Porém, sendo a comida fonte energética essencial para vida, como produção que se realiza no espaço, envolvendo pessoas, transformando as formas de ocupação do território e estabelecendo novas relações de domínio e poder, então, indubitavelmente este assunto tem tudo a ver com a Geografia.

Desde o re florescimento da ciência, a preocupação com o crescimento populacional dispar com a produção de alimentos, mobilizava os cientistas na busca de soluções que anteviam o problema. Tomas Malthus (1798), dizia que a população crescia numa proporção geométrica, enquanto a produção de alimentos, de forma aritmética. Prenunciava-se aí o caos porque muitos morreriam de fome, suas projeções foram descartadas, mas a fome persiste ainda hoje. Cerca de oitocentos milhões de pessoas sofrem de desnutrição no mundo. Só no Brasil, há trinta e seis milhões de pessoas que não sabem quando farão a próxima refeição. Mais degradante é saber que esta condição não se deve exclusivamente à falta de alimentos. Quarenta por cento da produção brasileira de alimentos vai para o lixo. Perde-se no transporte, na estocagem inadequada, na burocracia que dificulta o acesso dos pobres às doações. O Brasil é apenas um indicador do panorama mundial acerca do problema. Mas afinal, o que fazer para melhorar a produção de alimentos e erradicar a fome?

Estudos no campo da engenharia genética estão mudando conceitos sobre a produção alimentar. Com o uso de genes que modificam as características das plantas e animais, tornando-os mais resistentes aos agentes externos; muitas questões são levantadas nesta área, os benefícios e riscos à população como um todo. Defensores da biotecnologia afirmam que os transgênicos podem ajudar a alimentar a população mundial crescente. Já os críticos, dizem que a engenhe-

ria genética é uma "caixa de Pandora", e que estamos liberando forças incontrolláveis que podem prejudicar o meio ambiente e a cadeia produtiva de alimentos.

Com relação à erradicação da fome, alguns estudiosos afirmam que a raiz do problema está no enorme abismo existente entre ricos e pobres, a solução seria uma melhor distribuição da riqueza. Outros, dizem que é preciso crescer o bolo para depois repartir. Caberia ao Estado, como agente estruturante, gerir formas ou apontar caminhos? Não sei em outros países, mas no Brasil, nota-se a ineficiência nos gastos com o social. "Não é quanto se gasta, mas como se gasta o dinheiro público... o que falta às vezes são idéias, não o dinheiro", disse o ex-governador de Brasília, Cristovam Buarque em recente entrevista na TV Educativa, sinalizando que há saídas, porém, o corporativismo e a briga pelo poder fazem com que o social fique relegado a terceiro plano.

A década de 1960 foi marcada pelo fim da teoria keynesiana e do Welfare State, mais uma vez deram um duro golpe no social em detrimento do capital e da produtividade. Será que devemos esperar que a globalização e o capital especulativo resolvam os problemas da sociedade? A democracia nos abre uma janela de esperança, o voto é uma arma poderosa se usado de forma consciente, mas é preciso que a sociedade se mobilize de forma conjunta, só assim ela poderá ser ouvida e a política sairá do discurso ideológico e das promessas utópicas para ações concretas e inovadoras.

Diante da complexidade que envolve a questão da fome no mundo, cabe ao Geógrafo, como cientista social, traduzir dentro da sua competência, à sociedade o conhecimento crítico da realidade e apontar possíveis formas de resolução.

*Evaldo do N. Borges.
Estudante de Geografia/UESC*



CAGEO-MaCRO tem nova Diretoria

Eleita nos dias 07, 08 e 09 de agosto (nos turnos matutino e noturno) a Chapa 1 (ROT'AÇÃO) para compor a VI Coordenação Geral Executiva. Totalizaram-se 177 votos (69% dos estudantes de Geografia da UESC). A apuração: 01 voto branco, 01 voto nulo; 78 votos (44,57% dos votos) em favor da Chapa 2 (INTEGRAÇÃO); e, 97 votos (55,42% dos votos) favoráveis à Chapa 1 (ROT'AÇÃO). Eis a diretoria:

Presidente: Melrisson Aranha Pinheiro.
Vice-Presidente: Rodrigo Cerqueira da Silva.
Dir. Finanças: Joseli de Moraes Cerqueira.
Vice-Dir. Finanças: Edir Marques F. Filho.
Dir. Imprensa e Marketing: Araly dos S. Almeida.
Vice-Dir. Imprensa: Francisco Ritevando Júnior.
Dir. Esporte e Cultura: Luciano de Melo Ramos.
Vice-Dir. Esp. e Cultura: João Paulo Santos.
Secretária: Tereza G. Torezani.
Conselheiro e Consultor Político: Evaldo Borges.
 CAGEO-MaCRO — CESTÃO 2002 / 2003



SUCESSO!!

A disciplina Educação Ambiental foi motivo de repercussão 'super-positiva', tanto no Curso de Biologia quanto no Curso de Geografia, devido, também, ao uso de excelentes dinâmicas e estratégias pelo Prof. Alexadre Schiavetti.

VI CGE CAGEO-MaCRO

Dentre as propostas da VI Coordenação Geral Executiva do CAGEO, dentre tantas destacam-se: a nomeação de representantes de sala, a fim de aproximar ainda mais a integração do corpo discente de Geografia, em ambos os turnos; a criação de um calendário de eventos e reuniões; e a conclusão do Projeto de aquisição de uma sala. Participe!!

DIVULG'AÇÃO!

Se você produziu um artigo, um simples texto, ou gostou de um poema, letra de música, ... Mande-o pelo *e-mail*: geoilheus@bol.com.br e teremos o maior prazer em publicá-lo!

EVENTOS

Informações completas sobre o Encontro Regional dos Estudantes de Geografia do Nordeste - XIX EREGENE, e o VI Encontro Baiano de Geografia, no website do CAGEO: www.cageo.vilabol.uol.com.br

G	E	O	Ç	I	J	N	Y	P	C	S	B	I	Z	N	O	P
M	X	T	O	C	A	Ç	A	P	P	A	L	A	V	R	A	S

P	U	O	G	E	P	E	O	I	R	Á	U	T	S	E
Q	A	O	H	O	P	S	G	G	I	F	C	Q	Q	K
T	F	E	F	S	S	A	I	S	É	L	A	F	M	S
O	P	D	U	X	J	T	E	W	V	J	Q	K	J	G
Y	U	U	M	T	O	M	B	O	C	A	S	W	X	I
C	D	T	X	H	I	F	D	K	Y	L	U	N	B	B
J	D	I	S	G	I	B	Y	E	D	V	B	B	J	A
S	I	T	K	E	E	A	R	B	F	J	E	V	I	I
S	I	A	Y	M	A	N	G	U	E	Z	A	L	K	C
K	M	L	D	W	S	U	V	U	Y	A	O	A	C	N
U	N	E	X	E	E	W	R	A	B	D	D	Q	Q	E
H	S	B	U	W	M	B	I	B	H	V	I	W	N	R
D	D	E	L	T	A	S	E	H	I	J	O	X	X	R
U	W	O	E	H	X	C	G	J	Y	G	N	P	N	O
V	U	G	S	W	K	Q	I	R	V	E	Y	A	Q	T

- É constituído por uma vegetação lenhosa e arbórea, que coloniza solos lodosos. É um ecossistema costeiro, de transição entre os ambientes terrestres e marinhos, característico de regiões costeiras;
- "Em termos oceanográficos é um corpo d'água costeiro semi-fechado, o qual possui livre comunicação com o oceano aberto, no qual a água do mar é mensuravelmente diluída pela água doce derivada da drenagem continental" (Pritchard, 1967);
- Contato brusco entre o oceano e o continente através de um obstáculo rígido;
- São barras ou praias arenosas que conectam uma ilha a uma praia principal;
- Distância do Equador a um lugar da Terra, quer no Hemisfério Norte quer no hemisfério sul, medida em graus sobre o meridiano desse lugar.

Respostas do Geo Caça-Palavras da edição anterior: Agrícola; Igarapés; Sinóticas; Nevoeiro; Orvalho; CAGEO; Ventos.